

Tecnicismo versus preciosismo na redação científica: Alternativas
Preciousness versus technicality in scientific writing: Alternatives

Jander Temístocles de Oliveira

Faculdade Nossa Cidade, Brasil

E-mail: teacherjandertemistocles@gmail.com

Recebido: 12/02/2017 – Aceito: 21/02/2017

Resumo

O objetivo deste trabalho é propor uma reflexão sobre o sistema ainda arraigado na estilística escrita em produção de artigos acadêmicos com tendências preciosistas ou formas demasiadamente rebuscadas que, muitas vezes, beiram o prolixismo. É ainda objeto deste estudo sugerir estilos e indicar possíveis soluções para os casos em que o autor, por necessidade de ampliar o texto para atender a demanda editorial, acaba por ser repetitivo e enfadonho. Método: procedi com um relato de dois casos nos quais extrai exemplos de como aperfeiçoar a escrita científica tendo por base os guias de redação científica. Conclusão: Além de bom senso o articulista pesquisador deve ser muito consciencioso no que diz respeito à autoconsciência de seu domínio da língua meta, no caso, a língua inglesa e amparar-se metodologicamente em conformidade com as diretrizes das casas publicadoras, não ouvir boatos e consultar manuais de estilo comprovadamente de valor e peso no meio acadêmico.

Palavras-chave: Estilística; orientações de publicação; fluência.

Abstract

This article aims to propose a reflection on the way Brazilian researchers inadvertently submit their works to be published without knowing stylistic rules of English syntax attempting to improperly invoke attention, and, as a consequence, sounding like wordy. This study suggests styles and indicates possible solutions for cases in which the author, by the need to enlarge the text to meet editorial demand ends up being repetitive and boring. Method: I took into account two cases, which I extracted examples of how to improve scientific writing based on scientific writing guides. Conclusion: In addition to common sense, the researcher should be very conscientious about the self-awareness of his mastery of the target language, in this case, the English language and methodological support in accordance with the guidelines of the publishing houses, do not listen to rumors and consult proven style manuals of value and

weight in the academic world.

Keywords: Stylistic rules; publishing guidelines; English syntax.

1. Introdução

Durante minha atividade como revisor de artigos em língua inglesa, deparei-me com produções acadêmicas que ora se apresentavam imaturas em termos de estilística, ora mostravam-se prolixas e rebuscadas no intuito de valorizar o trabalho mais pelo emprego de vocábulos que pelo conteúdo em si, que em princípio, deveria ser de impacto. O resultado, todo pesquisador experiente conhece: a recusa da publicação. A justificativa, muitas vezes eufemística, acaba por atribuir ao revisor a responsabilidade pela pobreza na produção escrita já que se sabe que o nível do domínio da língua inglesa enquanto língua franca na difusão e produção científica e acadêmica por parte dos articulistas e cientistas brasileiros é muito pobre. Tal empobrecimento contribui também para a manutenção do estado atual em que se encontram algumas publicações nacionais. De modo geral, quando escrevem um artigo, o fazem em português inicialmente para depois vertê-lo para o inglês. Entra em cena a questão da técnica e sua linguagem peculiar.

Em busca de se atingir o tecnicismo pode-se facilmente cair na armadilha do preciosismo vernacular. Quando um autor se propõe escrever um artigo científico, o pesquisador muitas vezes prefere um estilo preciosíssimo ou demasiado formal, quando na verdade deveria também se atentar para o fato de que o leitor por razões diversas possa não conhecer a forma arcaica ou aquele vocábulo específico, soando como pedante e distante, quando a intenção é difusão científica e não auto enaltecimento estilístico. E, alguns por temerem cair nessa armadilha acabam por produzir textos muito pobres e, por vezes, simplórios.

Um bom exemplo do recurso estilístico bem empregado de acordo com Kohl (KOHL, 2008) seria optar pelo uso de “*although*” ou “*but*” ao invés do já famoso “*albeit*” que denota rebuscamento e pode gerar dificuldades de interpretação por parte de leitores não familiarizados tanto sintática quanto semanticamente com seu emprego.

O mesmo se dá com a escolha e emprego de determinados verbos, como por exemplo, *get*. Alguns usam este verbo na forma auxiliar para formar a voz passiva, sendo que o mais adequado seria usar a forma do verbo *to be*:

When you press f6, your program gets submitted for execution. ×

When you press f6, your program is submitted for execution. ✓

O objetivo deste estudo foi observar tais aspectos de estilística e propor uma reflexão sobre o preparo de artigos para submissão em língua inglesa.

Outro aspecto estilístico observado foi o uso da voz passiva, recomendada apenas quando se quer dar ênfase ao objeto do estudo, e não como se acredita no Brasil um instrumento de modéstia.

Seguimos aqui as diretrizes estilísticas que muitos periódicos orientam aos seus autores a escreverem na voz ativa. Por exemplo, a Science Magazine (Science, 2013) admoesta: “optamos pela voz ativa quando for mais adequada, particularmente quando se faz necessária para uma sintaxe correta.”

Outro guia para produção de artigo científico muito útil é o *Clinical Chemistry Guide to Scientific Writing* (Guia Clínico de Química para Escrita Científica) onde oferece todas as etapas para a produção do artigo.

2. Aspectos metodológicos

Como revisor, procuro saber previamente do (s) autor (s) qual a casa publicadora e quais às normas às quais estarão sujeitos, bem como se a publicação se dará em revistas norte americanas ou europeias, ou ainda canadenses que tem seus critérios próprios estilísticos.

Considerando que o grau de proficiência de muitos cientistas brasileiros requer aprimoramento e continuidade a fim de que sua produção escrita se origine já na língua inglesa, ofereço uma constatação feita pela FAPESP em 2009

Na amostra de indivíduos estudados, apenas 33% dos pesquisadores brasileiros declararam-se totalmente proficientes em inglês nas quatro habilidades. Como o que interessava era a capacidade de escrever, Sonia ateu-se a esse tipo de competência, dividido na amostra da seguinte maneira: 44,4% declararam escrever bem, 35,2% de forma razoável e 13%, pouca habilidade. A pesquisadora alerta para o viés subjetivo dos dados, uma vez que as informações baseiam-se numa auto avaliação dos pesquisadores. (MARQUES, 2009, p.40)

3. O que não se recomenda

Daremos um exemplo prático extraído de uma primeira sentença de um artigo publicado no *The Journal of Clinical Oncology* (na seção de introdução) :

Adoptive cell transfer (ACT) immunotherapy is based on the ex vivo selection of tumor-reactive lymphocytes, and their activation and numerical expression before reinfusion to the autologous tumor-bearing host.(JCO.2005.)

Tradução:

Transferência adotiva de células para imunoterapia (ACT) é baseada na seleção ex vivo de linfócitos reativos ao tumor, e sua ativação e quantidade antes da reinfusão para o hospedeiro autólogo com tumor.(JCO.2005.)

Mesmo para um pesquisador experiente, esta sentença é demasiadamente difícil de ler. O autor deveria se colocar duas questões neste particular – estas sentenças são fáceis de entender? É interessante e desperta curiosidade a leitura desta sentença?

O ponto que desejamos defender aqui é que a literatura científica deveria, além de ser informativa, ser agradável e no que diz respeito a isso, podemos adaptar da estilística intrinsecamente literária , ou em outras palavras, tomar emprestado de Ítalo Calvino (CALVINO, 1990) elementos para a linguagem científica tais como leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade e consistência.

Uma outra prática não recomendável e recorrente é o uso abusivo da paráfrase; não que esta seja uma ferramenta errada, mas seu excesso denuncia algo muito pior, o risco de plágio, que muitos cometem inadvertidamente.

Recomenda-se o uso da paráfrase sim, com critérios. Faz-se importante esclarecer que a paráfrase consiste na interpretação de texto ou de um livro ou de um documento preservando-se as ideias originais da fonte utilizada, em outras palavras, “parafrapear é traduzir as palavras de um texto por outras de sentido equivalente, mantendo, porém, as ideias originais” (MEDEIROS, 2006, p. 176).

4. O que se recomenda

Escreva com verbos, especialmente aqueles de impacto. Evite suas formas substantivadas tão comuns em inglês. Dependendo do país, britânicos preferem verbos puros

de origem latina, enquanto americanos endossam o uso de “*phrasal verbs*” para ganhar distanciamento do tronco linguístico latino, e muitas vezes por falta de um verbo original dada à novidade do uso de tal verbo derivado de técnica nova ou mecanismo novo, ou ainda de algo que não existia antes, quando do estabelecimento da língua inglesa como norma a partir de Shakespeare.

Compare estes dois excertos literários:

O primeiro extraído do guia online de escrita científica e verbos: <https://online.dr-chuck.com/wiki/index.php/Sciwrite:Verbs>

“Loud music came from speakers embedded in the walls, and the entire arena moved as the hungry crowd got to its feet.”

O segundo vem do original – Bring Down the House – de Ben Mezrich:

*“Loud music **exploded** from speakers embedded in the walls, and the entire arena **shook** as the hungry crowd **leaped** to its feet.”*

Verbos expressivos e fortes tornam a sentença mais vívida e atraente de ler.

Outra circunstância, acadêmica e cientificamente falando, é a escolha do verbo mais adequado ou mais preciso:

“The WHO reports that approximately two-thirds of the world’s diabetics are founding in developing countries, and estimates that the number of diabetics in these countries will double in the next 25 year.”

Abaixo, possível alternativa que corresponde tanto aos critérios editoriais quanto àqueles estilísticos já mencionados.

“The WHO estimates that two-thirds of the world’s diabetics are found in developing countries, and projects that the number of diabetics in these countries will double in the next 25 years.”

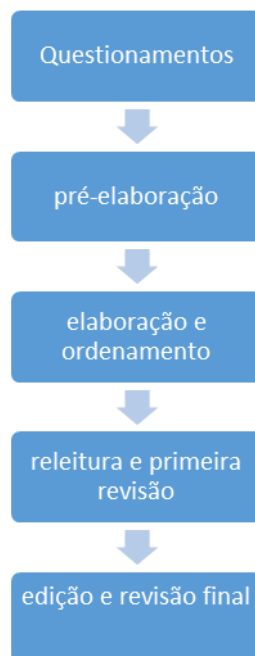
Recomenda-se, também, que antes de proceder com a produção escrita propriamente dita, o autor, autores tracem um percurso a ser seguido, isto é, pela minha observação noto que muitos pesquisadores simplesmente começam a escrever seu artigo sem o haver previamente planejado, ou se o fez, não foi de modo intencional. Há a necessidade de intencionalmente seguir um plano ou como é conhecido em inglês, *draft*.

Based on scholarship and research in the field of Writing Studies, the term "writing process" refers to a suite of attitudes about composition and literacy practices. Based on this body of work, faculty assume writing processes may differ from person to person and that different

projects may affect which composing strategies are employed. Since the early 1980s, writing instructors have tended to restructure their courses so that students have greater opportunities to revise their work in response to instructor and/or peer feedback. Despite this emphasis on "process writing," research in Writing Studies suggests students often submit early drafts for grading (MOXLEY,1990.)

Um bom exemplo a ser seguido, para um bom desenvolvimento e produção escrita, apresentamos na figura abaixo que deriva de consenso entre articuladores e vários instrutores de metodologia escrita:

Figura 1 – etapas de produção escrita



5. Exemplos a não serem seguidos

A partir da minha experiência com revisão, destaco alguns vícios que muitas vezes passam despercebidos e são nocivos para um texto de boa qualidade, sobretudo se o autor ou autores buscam publicação em veículos internacionais. Selecionamos os seguintes trechos para comentário, de artigo científico submetido à minha revisão:

Trecho I

*“Aiming to enhance final OMV **concentration**, seven batch experiments were carried out under four different conditions: i) with original Catlin medium; ii) with original Catlin*

medium and lactate and amino acids pulse at the 6th cultivation hour; iii) with Catlin medium with double initial concentration of lactate and amino acids and iv) Catlin medium without glycerol and with double initial concentration of lactate and amino acids.” (ARAUZ, 2012)

Aqui, fica o termo em negrito indicativo da ambiguidade e dificuldade de compreensão que gera para quem lê, posto que o texto científico deve ser o mais objetivo possível evitando todo e qualquer tipo de ambiguidade, já que neste caso, não sabemos se a concentração é na preparação ou suspensão.

Trecho II

“The study also was aimed at the increasing of the OMV yield and the employment of the generated data generated for further experiments relative to the development and scaling up of the vaccine production process.”

Neste parágrafo, nota-se claramente o uso inadequado de estruturas morfossintáticas típicas do inglês.

Trecho III

Este, especificamente, foi escolhido para demonstrar o prolixismo ou preciosismo, no caso escrito em português e submetido à minha versão para o inglês, o que se demonstrou tarefa árdua em reescrever ou remodelar um pensamento que deveria já, em tese, ter nascido em inglês:

“Foram observados alguns achados adicionais durante a avaliação ultrassonográfica da BALCM, tais como, calcificações insercionais no seu interior em três cotovelos de três voluntários, sendo que, apenas um examinador observou as calcificações em um destes cotovelos. Também observou-se fina lâmina de líquido anecóico intra-articular nos dois cotovelos de um voluntário e presença de faixa hipoecogênica anterior à BALCM em dois cotovelos de dois voluntários (um cotovelo de cada voluntário). Estes achados foram agrupados em achados adicionais presentes ou ausentes, obtendo-se desta forma achados adicionais em 19 amostragens (13,9%) e ausência de achados adicionais em 125 amostragens (86,1%) (Tabela 1).”

6. Exemplos a serem seguidos

Da mesma maneira que apresentamos aqui exemplos a serem evitados, por uma questão de lógica e coerência, trataremos agora de alguns exemplos a serem seguidos, tanto pela qualidade apresentada, quanto pelo estilo e clareza, sem deixarmos de mencionar o fator que julgo mais importante: o deleite.

Deleitar-se ao ler uma publicação denota que a mesma atingiu seu objetivo, captar a atenção do leitor para um assunto de suma importância de modo que não o entedie ou o distancie da discussão levantada, ou mesmo da intencionalidade do autor.

Trecho 1

In spite of a remarkable success with the vaccination programs against diphtheria and tetanus, there is still morbidity due to these diseases: according to WHO [1], in 2007, there were 4190 registered cases of diphtheria, 6067 of neonatal tetanus and 17012 of total tetanus, most of them in developing countries and due to coverage problems. (Quintilio, 2009)

Observa-se acima, por ser um trecho introdutório, apresenta linguagem direta, clareza e antecipa o que vem pela frente, um artigo fácil de entender e envolvente, seja pela habilidade estilística do autor, seja pela abordagem científica ou relevância do assunto.

Trecho 2

Some approaches to improve antigen stability in PLGA are reported including addition of a sacrifice protein which protects the main protein [5]; sugars, as cryoprotectants [6]; Mg(OH)₂, to avoid pH decrease inside microsphere and consequent pH-induced protein aggregation [7]. Nevertheless the use of these stabilizers is controversial. While many papers describe their efficacy on protecting encapsulated proteins, others did not confirm their effect [8]. Besides, they increase the formulation complexity and make vaccine quality control more difficult.

Ainda do mesmo autor, percebe-se a preocupação com a elegância e o cuidado ao evitar expressões preciosas, esmero na escolha dos conectores ou conjunções, a não repetição e a escolha de verbos expressivos.

7. Conclusão

Além de bom senso o articulista pesquisador deve ser muito consciencioso no que diz respeito à autoconsciência de seu domínio da língua meta, no caso, a língua inglesa e amparar-se metodologicamente em conformidade com as diretrizes das casas publicadoras, não ouvir boatos e consultar manuais de estilo comprovadamente de valor e peso no meio acadêmico. Além disso, os estágios de produção, conforme sugerido pela figura 1, deveriam ser observados para garantir objetividade, concentração e objetividade durante todas as etapas da elaboração e preparação do material escrito. É imprescindível que o articulista, de fato, declare em seu perfil na plataforma *lattes*, o real domínio da língua inglesa necessário para produzir textos de conteúdo acadêmico cuja língua de partida já é a de chegada, necessitando-

se apenas do auxílio de um bom revisor para o êxito almejado e consequente publicação, já que observa-se o contrário: a língua de partida é o português e a de chegada o inglês, recorrendo o autor à ferramentas de tradução online ou o auxílio de tradutores para proceder a versão para a língua de chegada.

Referências

CALVINO, Italo. Seis Propostas para o Próximo Milênio: Lições Americanas. Trad.: Ivo Cardoso. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

KOHL, John R. The Global English Style Guide: Writing Clear, Translatable Documentation for a Global Market. North Carolina: SAS, 2009.

MARQUES, Fabrício. A Barreira do Idioma. Pesquisa Fapesp, v., pp.39-41, 2009.

MEDEIROS, João B. Redação Científica. São Paulo: Atlas, 2006.

MOXLEY, Joseph M. "Creative Writing and Composition: Bridging the Gap." AWP Chronicle. 23 (Oct./Nov. 1990): 1, 7-12.

QUINTILIO, W.; TAKATA, C. ; SANT'ANNA, O. A. ; COSTA, M. H. B. ; RAW, I. . Evaluation of a diphtheria and tetanus PLGA microencapsulated vaccine formulation without stabilizers. Current Drug Delivery, v. 6, p. 297-304, 2009.

SANTOS S, ARAUZ LJ, BARUQUE-RAMOS J, LEBRUN I, CARNEIRO SM, BARRETO SA, SCHENKMAN RP. Outer membrane vesicles (OMV) production of Neisseria meningitidis serogroup B in batch process. Vaccine. 2012 Sep 14;30(42):6064-9. doi: 10.1016/j.vaccine.2012.07.052. Epub 2012 Aug 4.

SCIENCE AAAS . Some Notes on Science Style. (2013) <http://www.sciencemag.org/site/feature/contribinfo/prep/res/style.xhtml>, Acesso em 16/03/2013.

Journal of Clinical Oncology - JCO April 1, 2005 vol. 23 no. 10 2346-2357 .

<http://jco.ascopubs.org/content/23/10/2346.long> Acesso em 17/03/2013.

ZEIGER, Mimi. Essentials of Writing Biomedical Research Papers, 2nd edition- University of California, San Francisco, 1999.

http://www.aacc.org/publications/clin_chem/ccgsw/pages/default.aspx# Acesso em 21/02/2017

<https://online.dr-chuck.com/wiki/index.php/Sciwrite:Verbs> Acesso em 21/02/2017